

Correspondências: Enrique de Resende e Carlos Drummond de Andrade

Simone Aparecida de Campos Portela*

RESUMO: Este artigo trata de estudos sobre correspondências pessoais e tem como embasamento teórico a Crítica Genética, visando a compreensão do processo de criação através da análise da correspondência de Enrique de Resende e Carlos Drummond de Andrade. O arquivo pessoal de um autor é o mapeamento da memória de uma época, e preservá-lo é conservar viva a história de uma sociedade.

Palavras-chave: Arquivos pessoais; Processo de criação; Correspondência; Enrique de Resende; Carlos Drummond de Andrade.

A correspondência, ao evidenciar registros íntimos e pessoais das relações sociais, sugerem o compartilhamento de vidas, ideias, angústias, alegrias e tristezas, conduzindo o pesquisador ao universo da subjetividade. O leitor, por sua vez, pode acompanhar, passo a passo, o desenvolvimento e o estreitamento da amizade entre os missivistas, como também seguir a trajetória do ato criador.

Carlos Drummond de Andrade nasceu no município de Itabira do Mato Dentro, Minas Gerais, em 31 de outubro de 1902, e faleceu no Rio de Janeiro, em 17 de agosto de 1987. Começou a carreira de escritor como colaborador no *Diário de Minas*, que contava com os adeptos do modernismo mineiro. Ingressou no serviço público e, em 1934, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde foi chefe de gabinete de Gustavo Capanema, até 1945. Passou depois a trabalhar no serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e se aposentou em 1972. Desde 1954 colaborou como cronista no *Correio da Manhã* e, a partir do início de 1969, no *Jornal do Brasil*. Foi alvo de admiração irrestrita, tanto pela obra como pelo seu comportamento como escritor.

Enrique de Resende, na verdade Henrique Vieira de Resende¹, nasceu na Fazenda do Rochedo, em Cataguases, no dia 13 de agosto de 1899. Fez o curso de matemáticas em Ouro Preto, diplomando-se em engenharia civil pela Escola de Juiz de Fora, em 1924. Iniciou-se nas letras com um livro de versos, *Turris eburnea*, lançado em 1923, mas o seu nome só

* Mestranda em Letras – Literatura Brasileira – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora / CES/JF.

¹ Em uma carta enviada a Plínio Doyle, Enrique de Resende revela que por motivos supersticiosos eliminou o H de seu nome.

passou realmente a chamar a atenção do público quando o poeta se tornou uma das figuras de destaque do famoso grupo da revista *Verde*², de Cataguases.

Entre suas obras estão: *Poemas cronológicos* (1928); *Cofre de charão* (1933); *Retrato de Alfonsus Guimaraens* (1938); *Rosa dos ventos* (1957) e *A derradeira colheita* (1965).

O falecimento de Enrique de Resende, ocorrido em 16 de setembro de 1973, causou profunda consternação em Cataguases e fora dela, inclusive entre seus companheiros da Academia Mineira de Letras, para a qual foi eleito em 1966.

Este artigo, que resulta de estudos sobre correspondências pessoais, tem como objeto a exploração e a análise das correspondências que compõem o arquivo pessoal de Carlos Drummond de Andrade e de Enrique de Resende, e que estão sob a guarda do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira – AMLB, da Fundação Casa de Rui Barbosa, localizada no Rio de Janeiro e administrada pelo Ministério da Cultura. Além das correspondências encontradas nesse acervo foram consultadas as enviadas por Carlos Drummond, que se encontram na Fazenda do Rochedo, em Cataguases.

O principal objetivo está em dar a conhecer Enrique de Resende, não se tratando de uma nova apresentação desse intelectual, mas de compreender de que forma a escrita epistolar constitui uma importante prática por ele utilizada para estabelecer e manter uma rede de relações pessoais, sociais e intelectuais.

1. A Crítica Genética

A Crítica Genética tem como objeto de estudo o processo de criação a partir de registros deixados pelo artista, observando e buscando compreender o percurso de uma produção, entendendo assim, o que presidiu o desenvolvimento da obra.

Na medida em que lida com os registros que o escritor/artista faz ao longo do percurso da criação, para construção de sua obra, a Crítica Genética acompanha o trabalho contínuo, o ato criador, observando que ele é resultado de um processo ao envolver uma rede acontecimentos.

² Enrique de Resende foi um dos fundadores da *Verde*, revista de renovação intelectual, que granjeou renome no país e fora dele. O engenheiro poeta apareceu na primeira página do primeiro número da *Verde*, aos 28 anos de idade, em 1927. Colaboraram no número de estréia nomes como Carlos Drummond de Andrade, Edmundo Lys, Emílio Moura, Ascânio Lopes, Martins de Oliveira, Guilhermino César e muitos outros. A segunda edição trouxe mais nomes importantes, publicando trabalhos de Afonso Arinos, Abgar Renault e Pedro Nava.

Ao analisar os documentos dos processos criativos procurando explicá-los desde a sua gênese, através dos planos, anotações, dúvidas, angústias, da obra que toma corpo, que se forma, a Crítica Genética evidencia o trabalho do artista na manifestação irrecusável de sua materialidade, oferecendo uma fonte interpretativa que nenhuma tentativa de análise pode esgotar.

O material pode ser exposto a diferentes olhares, que podem revelar outros ângulos de análise; ou, ainda, o material está aberto a novos instrumentos analíticos, associados a diferentes interesses exploratórios, que oferecerão, também, novas interpretações [...] o crítico genético manuseia um objeto que se apresenta limitado em seu caráter material e, ao mesmo tempo, ilimitado em sua potencialidade interpretativa. Se, por um lado, a riqueza do material oferece ao seu crítico uma diversidade de perspectivas de abordagem, por outro lado, a realidade do material não permite especulações para além daquilo que lá está. O crítico genético pode levantar hipóteses quanto ao funcionamento de um processo específico; no entanto, os documentos oferecem-lhe a possibilidade de testar essas hipóteses (SALLES, 2008, p. 55-56).

Assim, a tarefa da Crítica Genética é retirar dos documentos analisados a construção intelectual da obra, pois todo detalhe do arquivo, por menor que possa parecer, foi importante para o escritor e será importante para o pesquisador.

No Brasil, já existem vários estudiosos se dedicando ao estudo da Crítica Genética. O pesquisador acompanha o processo através das anotações do escritor em rascunhos e diários, tentando decifrar palavras rasuradas a lápis, a tinta ou a caneta.

O estudo dos documentos que envolvem o processo de criação de um artista leva o pesquisador a ver e sentir a atividade da mão criadora constantemente respaldada por ele. É possível conhecer suas preferências, gostos e desejos, direcionando a sua ação. O conhecer construído nessas pesquisas e estudos refere-se ao itinerário de seu caminho criativo. As anotações, as rasuras feitas e as mudanças aproximam escritor e pesquisador, marcando o contato íntimo com a obra em criação.

2. A preservação da memória através dos arquivos

Sob a nomenclatura *arquivos pessoais* designamos as mais diversas formas de escritas de si e o acúmulo de inúmeros documentos e registros relativos à vida pessoal, profissional, cultural, política e pública de uma pessoa, seja ela uma figura conhecida ou não. Dentre os escritos de si, sob a forma de narrativa, temos as biografias, as autobiografias, as memórias,

os diários íntimos e as histórias de vida. Se todos dizem respeito às histórias de um indivíduo, guardam porém diferenças significativas entre eles (TANNO, 2008, p.1).

Segundo Janete Tanno, a forma que arquivamos nossa vida está intimamente ligada às nossas motivações, àquilo que nos leva a produzir e a acumular documentos que determinam o sentido que desejamos dar à nossa existência.

[...] é comum dispensarmos algum tempo a arquivar esses comprovantes e também arrumar toda essa papelada acumulada, descartando alguns e guardando outros. É preciso lembrar que tal arrumação muda conforme nossas expectativas e necessidades diante da vida. [...] Entretanto, escolhemos o que arquivar, o que queremos deixar para a posteridade, manipulamos nossos arquivos (TANNO, 2008, p.1).

Arquivo é o lugar de memória, dialética entre lembrança e esquecimento, uma representação do passado que não existe mais, apresentado através do conjunto de documentos manuscritos, gráficos e fotográficos, produzidos por uma pessoa e destinados a permanecer sob custódia de alguém ou de uma instituição.

A construção de nossas lembranças é retirada do fundo do armário, por isso o ato de constituir um arquivo implica necessariamente o desejo de torná-lo público um dia. Assim, só doa arquivo aquele artista/escritor que acredita que seus documentos vão figurar para a história o que o titular, enquanto ator, foi para sua época, alcançando notoriedade.

A doação de arquivos é cercada por indagações e receios, pressupondo relações de confiabilidade do doador ou de sua família, a qual faz uma seleção ainda mais rígida do que a feita pelo artista, com a intenção de resguardar uma imagem, erguendo outra. Na tentativa de se administrar a imagem do artista, a família pode descartar e/ou desfalcar o arquivo, através de um mecanismo de filtragem, que delimita até onde o público pode avançar no privado.

O titular do arquivo escolhe os documentos que merecem ser retidos ou acumulados, uma vez que não produziu todos os documentos que figuram seu arquivo, pois há vozes de outros. Dessa forma, nem todo o material que recebeu foi guardado. A correspondência pode ser organizada estrategicamente, assim cabe ao estudioso interpretar os motivos que levaram o escritor a organizá-las daquela forma. O escritor conta, através da escrita, a vida, que é seu material de trabalho:

O importante é que ele acredite na literatura como fator preponderante da formação, desenvolvimento e libertação do homem, em busca do pleno conhecimento de sua consciência. O material de trabalho do escritor é a vida, com seus labirintos e dramas. O escritor conta, no que escreve, como enfrenta seus problemas, medos e frustrações. Fala dele mesmo e de outros, do Outro que também está nele (COUTINHO, 1984, p.19-20).

O arquivo de um escritor deve ser observado como um sistema complexo que mantém entre suas partes relações significativas. Ao relacionar documentos como manuscritos, cartas, notas de leitura, recortes de jornal, fotos, objetos de arte e até bilhetes aéreos ou recibos, o pesquisador tenta refazer o complexo itinerário de uma vida, pois estes documentos constituem traços dispersos da trajetória de uma personalidade. Para Francisca Azevedo, “A construção de uma biografia hoje, por exemplo, se sustenta em uma metodologia explicitada onde, seu objetivo fundamental é levar à compreensão da época, permitindo perceber a realidade dos problemas sociais através do concreto da vida” (2004, p.206).

O arquivo não é algo sem vida, como comenta Moraes, acerca do arquivo de Mário de Andrade : “Ao relacionar documentos nesse universo de migalhas, o pesquisador tenta refazer o complexo itinerário de uma vida, recuperando a biografia e perfazendo um ideário artístico– intelectual. O arquivo ganha vida à medida que vai sendo estudado” (2000, p.57).

Arquivos literários se constituem numa preciosa fonte de pesquisa porque facilitam a compreensão da obra, a partir do conhecimento da vida, constituindo verdadeiros templos de memória e retratando a realidade dos povos.

Preservar a memória constitui fator de suma importância para a cultura, por isso é necessário que se expanda a idéia de se criar arquivos literários, que indicam variadas e instigantes possibilidades abertas pelo uso da correspondência privada como fonte para a escrita da história.

Assim, a correspondência é uma parte importante dos arquivos pessoais, pois o discurso epistolar acolhe, para além das pegadas da criação, o olhar sobre o próprio processo, permitindo ao estudioso acompanhar o tortuoso processo de produção de um texto, em suas diversas etapas. Esses documentos constituem-se de substanciosas informações que subsidiam as mais variadas pesquisas, privilegiando o estudo de registros do cotidiano, através de lembranças de fatos ou de momentos significativos da vida do escritor. É, sem dúvida, uma documentação que recupera parte da história do país.

3. A escrita epistolar de Enrique de Resende e Carlos Drummond de Andrade

As cartas contam os passos da criação, ou em certa medida, já pertencem a ela. Servem para historiar momentos da vida.

O processo de criação espelha-se com nitidez nas cartas, pois em algumas delas, o escritor empreende o relato testemunhal do ato de criação, tornando-se espaços que logram tanto historiar fases do pensamento estético dos interlocutores, quanto dar contornos crítico-interpretativos àquele momento artístico.

A correspondência entre amigos é uma fonte privilegiada para a análise das formas de amizade, pois deixa entrever marcas de relações mútuas. A prática epistolar de um indivíduo só existe em função de um outro, para quem se anuncia uma fala e de quem se aguarda uma resposta, como se pode observar nas cartas trocas entre Enrique de Resende e Carlos Drummond de Andrade, em janeiro de 1965: “Aí vai o recorte³ do *Cataguases*, que lhe prometi. Estou certo de que você evocará, com emoção, o menino da rua da Bahia – de quem gostara à primeira vista”. Em resposta à carta de Enrique, Drummond escreve: “O artigo sobre o Ascânio é outro motivo de emoção, de tal modo conservo límpida e intata a recordação do nosso querido e malgrado poeta”.

Através do estudo da correspondência pode-se observar os acontecimentos do Brasil e do mundo, a nova geração de escritores que busca seu mentor, o nacionalismo musical, a pesquisa etnográfica, os projetos culturais, a vida em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, as imposições da burocracia, a conversa franca e fraterna, o despontar, a consolidação e o arrefecer de relacionamentos, a rápida passagem de alguns e os correspondentes donos de largos períodos, carregados de assuntos importantes ou mudanças de posição, de pontos de vista, o que acentua a força do presente, a contingência, assinando a expressão epistolar.

Os registros do processo de criação de um artista mostram um universo sob seu ponto de vista. É possível observar como ele se relaciona com o mundo e como constrói sua obra no âmbito de seu projeto ético e estético, notar a admiração entre os escritores, a cumplicidade e a necessidade de aceitação: “Aproveito a oportunidade para mandar-lhe⁴, também, *A derradeira colheita*. Eu estava sem coragem de o fazer... / São frutos recolhidos por este velho e humílimo hortelão, que há muitos anos o admira e estima, sem alardes” (RESENDE, 1965).

Nesse trecho, Carlos Drummond escreve sobre o livro *A derradeira colheita* e expressa sua admiração pelas poesias de Enrique de Resende, que veio de uma tradição clássica, de versos refinados e prosa diáfana:

³ Enrique de Resende envia a Carlos Drummond de Andrade o recorte do jornal *Cataguases*, com a crônica “Ascânio na rua da Bahia”, onde Drummond escreve sobre Ascânio Lopes, como o conheceu e a morte do poeta, ocorrida em 10 de janeiro de 1929.

⁴ Enrique de Resende envia a Carlos Drummond de Andrade *A derradeira colheita*, uma coletânea de cem poemas extraídos de livros escritos anteriormente, incluindo várias páginas inéditas.

Com alegria estou recebendo “A Derradeira Colheita” - a alegria de reencontrar, através de sua lírica, um companheiro de geração, discreto e nobre, a quem sempre admirei e quis bem, embora fôssem tão raros, em quarenta anos de vida e literatura, os nossos contatos pessoais. / Sua poesia é para mim fonte de gratas re-vivências, que não se esgotam confinadas em certo período, pois se prolongam até o dia de hoje, em que o vejo fiel às coisas, idéias e sentimentos inspiradores do seu canto, com o autor à margem de tudo que seja competição e política literária, e por isso mesmo digno da maior estima intelectual. / Muito obrigado, meu caro Enrique, por se haver lembrado deste velho amigo que só não gostou daquele “derradeira”⁵ qualificando a sua colheita, pois a poesia tem o Dom de continuar sempre – In my end is my beginning – e por nossa vez, temos o direito de esperar ainda muitos versos de você (ANDRADE, 1965).

O conhecimento adquirido através dos documentos que envolvem o processo de criação de um artista, como cartas, recortes de jornal e fotos, revelam preferências e desejos, mostrando o caminho percorrido pelo processo criativo.

Dessa forma, o processo de criação é a transformação da escrita em comunicação e expressão literária, em conto, em vida, pois, para o artista, escrever é sobreviver. Procurar desvendar a subjetividade das cartas é entrar num mundo desconhecido, surpreendente e inesperado.

ABSTRACT: This article treats of studies on personal correspondences and has as theoretical base the Genetic Critic, seeking the understanding of the creation process through the analysis of the correspondence of Enrique de Resende and Carlos Drummond de Andrade. An author's personal file is the map of the memory of a time, and to preserve is to conserve lives the history of a society.

Key-words: Personal files; Creation process; Correspondence; Enrique de Resende; Carlos Drummond de Andrade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Correspondência a Enrique de Resende. 19 jan. 1965, Rio de Janeiro. 1p. Agradecimento e comentário sobre o livro recebido.

AZEVEDO, Francisca Nogueira de. Ao sol carta é farol. *Revista Topoi*, v.5, n.8, p.206-212, jun. 2004. Disponível em: < revistatopoi.org/numeros_antteriores/Topoi08/topoi8res2.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2009.

⁵ Ao escrever *A derradeira colheita*, Enrique de Resende sente-se no fim da jornada, em sua última colheita de poemas, mas recomeça, mais tarde, com o mesmo ímpeto e a mesma fé da juventude, quando publica *Pequena história sentimental de Cataguases* (1969) e *Estórias e memórias* (1971).

BEM, Jeanne. Le statut littéraire de la lettre. In: FRANÇON, A; GOYARD, Claude. Les correspondences inédites. Paris. Economica, 1984. p.113-116, chapitre 10.

COUTINHO, Edilberto. A criação do texto literário. Minha experiência no conto. In: Bienal Nestlé de Literatura Brasileira. Ensaios: criação, interpretação e leitura do texto literário, São Paulo: Norte, 1984, p. 17-30.

MORAES, Marcos Antônio de. Correspondência esparsa. Revista Ipotesi, Juiz de Fora, v.4, n.2, p.57-64, jul / dez. 2000.

_____. Epistolografia e crítica genética. Ciência e Cultura, São Paulo, v.59, n.1, jan. / mar. 2007. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v59n1/a15v59n1.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2008.

RESENDE, Enrique de. A cidade e alguns poetas. Verde, Cataguases, n.1, set. 1927.

_____. Correspondência a Carlos Drummond de Andrade. 19 jan. 1965. Rio de Janeiro. 1 p. Envio de livro para apreciação.

SALLES, Cecília Almeida. Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. 3. ed. revista. São Paulo: EDUC, 2008.

TANNO, Janete Leiko. Os acervos pessoais: memória e identidade na produção e guarda dos registros de si. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v3.n1/janete_leiko_tanno.pdf>. Acesso em 12 jul. 2008.